



**“NORMAL, VIADO, LOUCO”:  
REFLEXÕES SOBRE OS PROCESSOS DE NORMALIZAÇÃO E DE  
INTELIGIBILIDADE E ABJEÇÃO DO GÊNERO NAS RELAÇÕES SOCIAIS  
DE *INTERCAMBISTAS* EM SÃO LUÍS (MA)**

Allyson de Andrade Perez<sup>1</sup>

**Resumo:** Reflexões sobre os processos de normalização e de inteligibilidade e abjeção do gênero nas relações sociais de *intercambistas* em São Luís (MA). Apresentam-se situações de utilização dos termos “gay” e “viado” como estratégias discursivas de produção de identidades tidas com normais e abjetas. Discute-se sobre os processos de inteligibilidade cultural do gênero e sobre as estratégias discursivas através das quais os regimes normativos de gênero são estabelecidos e desestabilizados. Questiona-se sobre a produção da identidade homossexual como uma figura de abjeção.

**Palavras-chave:** normalização, inteligibilidade e abjeção de gênero, homossexualidade.

## 1. INTRODUÇÃO

A pesquisa que deu origem ao presente trabalho tem sido desenvolvida no âmbito do Mestrado em Ciências Sociais do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCSoc) da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). A pesquisa tem como tema geral o controle da produção do gênero e de identidades sexuadas e geracionais nas relações entre as/os participantes de um programa de intercâmbio cultural na cidade de São Luís (MA) e as famílias que as/os acolhem durante essa experiência.

O programa a que nos referimos é o Programa de Ensino Médio no Brasil (*High School Program in Brazil*) concebido e operado por pela empresa local Via Mundo Intercâmbio e Turismo, através do qual jovens de 14 a 19 anos, de diferentes

---

<sup>1</sup> Mestrando em Ciências Sociais na Universidade Federal do Maranhão (UFMA) e membro do Grupo de Estudos de Gênero, Memória e Identidade (GENI) da UFMA. allysonperez@globocom.com.

nacionalidades (dinamarquesas/es, alemães, suecas/os, norueguesas/es, finlandesas/es, holandesas/es, polonesas/es, estadunidenses e canadenses) vivem por 6 ou 12 meses em São Luís (MA), estudando em uma escola privada de ensino médio enquanto moram com uma família local. As/Os participantes do programa têm sido categorizadas/os pela empresa como *intercambistas* e *famílias anfitriãs*, respectivamente. A equipe do programa inclui pessoas responsáveis pela colocação das/os participantes em escolas e famílias e pelo acompanhamento de seu desempenho e suporte, as quais são chamadas de *coordenadoras/es locais*.<sup>2</sup> No presente trabalho, adotarei tais categorias nativas para me referir aos sujeitos da pesquisa.

No curso da pesquisa, nas entrevistas realizadas com *intercambistas* homens, deparei-me com alguns dados recorrentes relativos ao modo como suas/seus colegas e amigas/os os interpelavam para censurar-lhes certas condutas ou comportamentos considerados inadequados em função do gênero ou simplesmente a título de brincadeiras que giravam em torno do uso dos termos “gay” ou “viado”. Essas interações revelam um jogo discursivo articulado à produção de identidades consideradas normais e outras tidas como abjetas. Pretendo, no presente trabalho, descrever algumas das estratégias (brincadeiras, comentários, interpelações verbais) utilizadas nessas interações, buscando compreendê-las como momentos dos processos sociais de inteligibilidade e abjeção do gênero ou de normalização. Como certas estratégias discursivas buscam manter e também desestabilizar a inteligibilidade do gênero nos quadros de um regime hegemônico de poder? Em que sentido, a utilização de termos como “gay” e “viado” podem nos fazer compreender os processos sociais de normalização, através dos quais certas subjetividades são discursivamente produzidas como abjetas, de modo a sustentar outras consideradas normais? Buscaremos compreender o material exposto à luz da Sociologia em convergência com a Filosofia Pós-estruturalista e com os Estudos *Queer*.<sup>3</sup>

A metodologia utilizada na pesquisa de campo tem sido principalmente a das entrevistas qualitativas aprofundadas apoiadas em observações suplementares. Este

---

<sup>2</sup> Também integro a equipe do Programa, mas como coordenador do trabalho das/os *coordenadoras/es locais*.

<sup>3</sup> *Queer* é um termo da língua inglesa de difícil tradução para português, que tem sido usado em contextos homofóbicos para insultar e agredir *gays*, lésbicas, bissexuais, travestis, transexuais e outras identidades consideradas estranhas. Pode ser traduzido por “estranho”, “raro”, “esquisito”, “singular”, “excêntrico”, “suspeito” etc. Nenhum desses sentidos, no entanto, denota a carga pejorativa que o termo tem em inglês e que pode ser melhor percebida em nossa língua em termos como “bicha”, “bichinha”, “viado”, “sapatão”. O termo foi apropriado numa ressignificação irônica pela teórica Teresa de Lauretis para diferenciar sua proposta teórica dos estudos *gays* e lésbicos (MISKOLCI, 2009, p. 151-2). Preferimos utilizar aqui a expressão “estudos” a “teoria” *Queer*, com a intenção de promover um sentido de abertura desse campo de estudos, salientando seu viés acima de tudo crítico.

trabalho se baseou no material recolhido de cinco entrevistas, sendo quatro delas gravadas em áudio e uma anotada. A fim de preservar a identidade dos entrevistados, estes são identificados abaixo por iniciais fictícias.

## **2. “NORMAL, VIADO, LOUCO”: reflexões sobre os processos de normalização e de inteligibilidade e abjeção do gênero nas relações sociais de *intercambistas* em São Luís (MA)**

O. S. relatou em sua entrevista que já havia sido censurado, algumas vezes, por colegas e amigas/os quanto a alguns comportamentos seus. Elas/es lhe teriam dito: “Não faz isso que isso é muito gay”. Apesar de pedir-lhe que me oferecesse mais detalhes sobre essas situações e comportamentos, O. S. acabou não me respondendo. O que pude observar foi que o *intercambista* apresentava em sua forma de falar e se comportar alguns traços que talvez algumas pessoas de seu convívio não identificassem como masculinos. Comparando experiências suas em São Luís e em seu contexto cultural de origem, O. S. disse<sup>4</sup>:

[...] tipo coisas ‘viados’ não é muito comum [em sua cidade]. Tipo se tu faz alguma coisa as pessoas não pensam ‘você é viado’; pessoas pensam você um pouco louco. Aqui, é muito... uma coisa eu sempre escuto no colégio... tem três coisas você pode ser: *normal*; *viado*; *louco*. Acabou. Três possibilidades você pode ser. Isso é um coisa engraçado. Lá [em sua cidade], cabeça diferente. A gente não tipo pensa ‘Você é viado’. Se tu beija um homem, a gente vai pensar. Se tu faz sexo com um homem, a gente vai pensar, mas tipo pegar... eu tenho três amigos, três ótimos amigos... [...] nós temos uma brincadeira, tipo fazer... tipo pegar no corpo... tipo “eu te quero comer” coisas assim e o que a gente faz [em reação]? ‘Ah, eu não te quero’. É um brincadeira! Mas a gente nunca vai pensar ‘Ele é viado’. Porque eu sei ele não é. Mas se ele estava andando com bunda vai e vem, se ele estava usando mãos tipo... como tu chama isso? [faz gesto de mão desmunhecada], ou bebendo com esse dedo [faz gesto de pegar um copo com o dedo mínimo levantado]... Assim, claro a gente vai tipo começar de pensar, mas não... a gente não tem isso lá. [...] Sexo é uma coisa muito aberto lá. É um coisa você pode falar com tua família, é um coisa que você pode falar no colégio, teus professores, um coisa muito aberto [*grifos meus*].

B. V. T. me relatou, durante uma conversa informal, algumas situações que lhe surpreenderam na relação com colegas da escola que frequentou durante seu programa de intercâmbio em São Luís. Certa vez, estava conversando com colegas em uma roda. Logo após um deles se ausentar e se afastar da roda, outro colega teria feito o seguinte

---

<sup>4</sup> Optei por manter o tom original da fala das/os entrevistadas/os, sem corrigi-la em seus erros de gramática e acrescentando apenas informações relevantes para sua compreensão. Os nomes dos países também foram omitidos com vistas a impedir a identificação dos entrevistados. Procederei da mesma forma quanto às demais entrevistas citadas.

comentário “Ah, não liga pra ele não, que ele é *gay*”, acompanhado de um gesto pejorativo com a mão (formando um círculo com os dedos polegar e indicador e deixando os outros três mais ou menos retos) para indicar o que havia dito. B. V. T. observou que esses comentários se repetiram da mesma forma outras vezes, quando não eram ditos diretamente pelos colegas – sempre homens – uns para os outros. A princípio, o *intercambista* disse ter concluído que os comentários eram reais e denotavam a orientação sexual dos colegas de turma, ao mesmo tempo em que expressavam a homofobia daqueles que os faziam, o que lhe desagradava, pois se declarava como um heterossexual absolutamente contrário à homofobia<sup>5</sup>. Narrou, ainda, que, num determinado momento, pensou “Não faz sentido que mais da metade da turma seja *gay*” e se deu conta de que os comentários eram, na verdade, brincadeiras ofensivas e de que as palavras “*gay*” e “viado” eram usadas de modo pejorativo com a intenção de desqualificar as pessoas que eram alvo das brincadeiras.

I. S. me relatou, durante sua entrevista, que em São Luís se brincava mais com temas *gays*. Como exemplo, disse que o *irmão anfitrião* às vezes brincava chamando-o de *gay*. Relatou, ainda, que, ao chegar a São Luís, gostava de vestir calças apertadas, coladas ao corpo, hábito que trouxe de sua cidade de origem, onde costumava fazer isso. Contou que, enquanto em seu país isso era normal, em São Luís, muita gente o chamou de *gay* ao vê-lo vestido assim (“Olha o gringo *gay*”). Então, ele deixou de usá-las.

O *intercambista* M. G., falando sobre o que seria diferente entre ser homem em sua cidade de origem e em São Luís, afirmou:

Uma coisa talvez. É sobre *gay*, homossexual. Porque, na \_\_\_\_\_ [seu país], eu gosto, quando eu estou com meus amigos, eu gosto de fazer brincadeiras *gay*, tipo “Não seja assim” ou algo do tipo. Todo mundo vê isso como engraçado; mas se eu fizer brincadeiras ou algo assim aqui no Brasil todo mundo fica muito *distensed* [palavra não dicionarizada] [...] por exemplo, eles não veem como uma brincadeira, eles veem como um palavrão, como algo ruim. Ou às vezes quando alguém te chama de *gay* [em seu país], eles dizem “E daí? Você tem um problema com isso?” e, então, todo mundo gosta, OK, não tem problema, e daí continua. Aí, quando eu faço isso aqui, todo mundo fica “O quê? O quê? Isso não pode ser verdade! [tom de espanto] [...] Por exemplo, eu estava em um aniversário na semana passada, e estavam lá a irmã [anfitriã] e [trecho inaudível], 62 anos ou mais jovem. Então, meu irmão [anfitrião] disse a elas “Ele é *gay*”. E eu disse, eu sabia que era brincadeira... e eu olhei pra ele e perguntei “Você tem um problema com isso?”, porque eles estavam rindo de mim, porque ele me disse isso... Eu disse “Qual o problema?”, e eles ficaram tipo “Ó, meu deus! Ó, meu Deus!”. [...] Com os caras na escola, então eles ficam de fato chocados, eles ficam rindo de você, eles não veem muito como uma brincadeira. Eu não acho que é uma brincadeira pra eles.

---

<sup>5</sup> Durante os cinco primeiros meses de seu programa, B. V. T. viveu com uma *família anfitriã* composta por um casal de homens homossexuais.

M. G. disse, ainda, que achava que eles estavam chocados porque eles pensaram que ele, ao responder assim, podia realmente ser *gay* e isso seria um problema para eles. Em seu país, acrescentou, as pessoas não levam tão a sério se você é ou não *gay*.

Eu nunca vi brasileiros fazendo brincadeiras *gay*, porque quando eles fazem... Houve uma conversa no Facebook, era sobre a aula; então, tinha esse cara, nos estávamos escrevendo, e então um cara disse “Tu és *gay*” pra mim e eu disse “Eu também te amo” e ele disse “Ah, tu és realmente *gay*!” e aí ele tirou uma cópia da conversa na tela e compartilhou e escreveu “M. [primeiro nome do entrevistado] é *gay*” e colocou uma seta apontando pra mim. Mas, então, por causa do “Eu também te amo”, todo mundo disse “Ah, TU és *gay*”, porque tu provavelmente disseste que o amava e ele então respondeu assim. E ele, então, ficou muito assustado e disse “Não, eu não sou *gay*, eu não sou *gay*”. E eu estava tipo “Onde está o problema se alguém pensa se você é *gay* ou não? Eu não me importaria”. Os caras aqui se preocupam mais sobre serem *gays*.

O *intercambista* acrescentou que quase todos as/os brasileiras/os que conhece são muito negativos quanto ao tema *gay* e que as mulheres são um pouco mais abertas sobre isso.

L. M. acha que, pessoalmente, é mais fácil ser homem em seu país de origem. Relatou que em São Luís, os homens “são muito machos, sempre falando sobre sexo e sobre pegar mulheres”. Em seu país, disse que não conversava sobre essas coisas com outros homens, não de maneira tão aberta. Para ele, era muito estranho que os colegas começassem a falar sobre sexo com ele porque ele não tinha essa experiência em seu país. Os colegas falam “Pega ela, beija ela”.

Aqui as mulheres eu sinto que às vezes são só pra fazer sexo, pra se divertir. Eu sinto um pouco de falta de respeito da [para com a] mulher. Os homens em geral são assim. “Tu tem que pegar essa mulher, tu tem que fazer sexo com ela.” A mulher é um objeto para fazer sexo.

A propósito de diferenças e conflitos com as/os colegas de escolas ou amigas/os, L. M. relatou que não gosta de seu posicionamento sobre a homossexualidade, o qual considera muito radical em São Luís (por comparação com seu contexto cultural de origem). O *intercambista* relata que, às vezes, eles usam muita violência e que muitas pessoas acham que os homossexuais não são normais, que são doentes. Afirmou que em seu país, as/os colegas e amigas/os são mais abertos e disse que não se sente confortável quanto a isso em São Luís.

Porque quando eu digo “Eu acho que isso não é assim” [discordando das/os colegas e/ou amigas/os], é um pouco difícil porque eles te chamam de homossexual, não sei o quê. Um amigo meu que é mais radical me chamou de homossexual e eu disse “Rapaz, eu não gosto muito do teu pensamento, não! Eu não concordo contigo, eu acho que... eu fiquei zangado contigo porque tu pensa assim”. Aí, até hoje, ele me xinga com isso e me chama de simpatizante com homossexual. Ele acha que isso é uma coisa negativa; não só ele, muitas pessoas, muitas [com ênfase] pessoas.

Falando sobre um colega de turma que eles acham que é homossexual, L. M. acrescentou que seus colegas o xingam muito e que não se aproximam dele. “Eu tenho grande problema com isso, porque eu acho que isso é errado”. L. M. estava em sua segunda *família anfitriã*. Nesta, o *pai anfitrião* era radical e falava que homossexualidade era anormal. O *intercambista* me relatou que às vezes discutia com o *pai anfitrião* sobre isso, mas que o pensamento dele era esse. Relatou que, em certa ocasião, um amigo dele estava usando brinco e entraram no carro do *pai anfitrião*. Então, este “começou a xingar o amigo” e falou que aquilo era coisa de viado. Segundo L. M., ele falou assim: “Eu não sei se tu é, mas eu acho que mais tarde tu vai virar”. “Só porque ele tava de brinco...”. Acrescentou que o amigo não é gay e que os *irmãos anfitriões* pensavam como o pai.

As situações acima apresentadas nos permitem refletir sobre os processos sociais de normalização, que envolvem a produção de inteligibilidade e abjeção do gênero. Comportamentos considerados em desacordo com os ideais normativos do gênero masculino são censurados através do uso pejorativo dos termos “gay” ou “viado” (O. S.). É no campo da linguagem que os sentidos positivos e negativos atribuídos às diferenças observadas são produzidos. De fato, o que se parece reprovar são traços ou símbolos associados ao gênero feminino dentro de uma apreensão binária de divisão e hierarquização do gênero (um homem, portanto, dentro de uma lógica binária estrita, não pode apresentá-los sobre pena de ser chamado à ordem). Gestos, comportamentos, falas, usos etc. diferentes dos prescritos pelas regras de gênero locais parecem carregar um potencial desestabilizador das divisões gendradas estabelecidas. Assim, quando I. S. aparece diante de suas/seus colegas, usando calças coladas ao corpo (símbolo que, pelas regras hegemônicas de gênero locais, é atribuído ao gênero feminino), a reação é imediata e sua rotulação como “gay” lhe dá um lugar de *queer*, de excluído dentro do regime de gênero. Sua decisão foi a de não contestá-lo e de passar a usar, com a permissão da expressão, “calças de homem”.

As brincadeiras que os colegas de B. V. T. constantemente faziam na escola utilizando o termo “gay” como um qualificativo de desaprovação, mostra como o termo está deslocado de seu sentido denotativo e como é, outra vez, no campo da linguagem e das produções simbólicas e discursivas que as identidades de gênero são disputadas. É digno de nota que o *intercambista* tenha, a princípio, se confundido sobre o sentido em que os colegas utilizavam a denominação “gay”. O termo não parecia ser usado e compreendido, nessas situações, fora de sua associação estrita com uma ideia de

inferioridade. Qualificar alguém de “gay” não era, nesses casos, uma mera referenciação, mas uma operação de linguagem que produz uma identidade abjeta para sustentar outras identidades consideradas normais.

Butler (1990) pensa o gênero como um aparato cultural de construção de representações e estabelecimento dos próprios sexos, nos limites de uma experiência discursivamente constituída. No âmago do esforço crítico da autora, está a exposição e desconstrução das matrizes simbólicas binárias, que camuflam a construção do gênero e apresentam o sexo como essencializado e natural, e o gênero, o desejo e as práticas sexuais como lógica e naturalmente decorrentes do sexo.<sup>6</sup>

Em consonância com tais elaborações, temos que “as ‘pessoas’ só se tornam inteligíveis através do processo de se tornarem gendradas em conformidade com padrões reconhecíveis de inteligibilidade de gênero” (BUTLER, 1990, p. 16, tradução livre do original). Propondo a categoria de “gêneros inteligíveis”, a autora afirma que a “pessoa” não goza de uma anterioridade ante os diversos papéis e funções sociais através dos quais vem a se significar.

Gêneros ‘inteligíveis’ são aqueles que em certo sentido instituem e mantêm relações de coerência e continuidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo. Em outras palavras, os espectros de descontinuidade e incoerência, eles próprios concebíveis apenas em relação a normas existentes de continuidade e coerência, são constantemente proibidos e produzidos pelas mesmas leis que buscam estabelecer linhas causais ou expressivas de conexão entre sexo biológico, gêneros culturalmente constituídos e a ‘expressão’ ou ‘efeito’ de ambos na manifestação do desejo sexual através da prática sexual (BUTLER, 1990, p. 17, tradução livre do original).

As identidades não decorrem, portanto, de características internas das pessoas, mas se forjam nas práticas reguladoras de formação e divisão do gênero. Há, por um lado, um ideal normativo a ser corporificado e, por outro, um processo de normalização social dos sujeitos através do qual o sexo, o gênero e a sexualidade vão ganhando coerência e estabilidade (ainda que nunca de maneira total).

A noção de “inteligibilidade” é, a princípio, proposta por Foucault (1988) quando questiona a “hipótese repressiva” acerca do sexo nas nossas sociedades. Para o autor, nas sociedades contemporâneas, a sexualidade longe de ter sido apenas ou principalmente reprimida, tem sido continuamente suscitada e produzida. As práticas

---

<sup>6</sup> É importante salientar que, para a autora, o gênero é uma construção complexa, pois, dentre outras coisas, “se intersecciona com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídas” (1990, p. 3, tradução livre do original). Nenhuma pessoa é ou tem um gênero. Este é apenas um dos marcadores que constituem as identidades dos sujeitos. O gênero não confere substância ou essência a um ser, mas aponta para uma convergência cultural, histórica e contextual entre conjuntos de relações.

sexuais se articulam em torno do sexo como a ideia que se forma a partir de diferentes estratégias de poder. É por esse ponto que todos devem passar para ter acesso à sua própria inteligibilidade: ser socialmente compreendida/o e existir como sujeito significa dizer e exhibir ostensivamente um sexo verdadeiro.<sup>7</sup> O sexo é, para o autor, um ideal regulatório: “[...] não apenas funciona como uma norma, mas é parte de uma prática regulatória que produz os corpos que governa” (BUTLER, 2001, p. 153-4).

A produção do gênero se faz sempre no interior de uma matriz discursiva hegemônica, uma matriz normativa de poder que varia historicamente. O discurso hegemônico pode ser lido, atualmente, como a matriz heteronormativa das relações entre os sujeitos, que estabelece distinções entre as diversas experiências sexuadas, relacionando-as de forma assimétrica e dentro de uma escala de valores, regrido-as de forma a que reproduzam a oposição entre o que é “normal” e sancionado e o que é patológico ou abjeto.

Segundo Miskolci (2009), os Estudos *Queer* focam os mecanismos sociais ligados ao binarismo “hetero/homossexualidade”. A ordem social é compreendida como ordem sexual/sexuada e que se funda, para a produção de sujeitos, no dispositivo de heteronormatividade, pelo qual a heterossexualidade é pressuposta como natural. O autor também enfatiza a distinção histórica entre a heterossexualidade compulsória (datada da invenção da homossexualidade como patologia e crime no séc. XIX) da heteronormatividade (construção da orientação heterossexual como modelo, datada do séc. XX).

A heteronormatividade deve aqui ser entendida através do conceito de inteligibilidade cultural, pois é um regime normativo de produção e classificação dos seres sociais, pelo qual alguns destes são assimilados e aceitos e outros são repudiados e inscritos para além das fronteiras do que é digno de existência. O olhar *queer* se volta exatamente para os processos normalizadores que produzem simultaneamente o hegemônico e o subalterno e nisso se diferencia do estudo de minorias e das teorias da rotulação (que pressupõem e não questionam as matrizes hegemônicas de produção das diferenças). O objetivo desses Estudos, na sua convergência com a Sociologia, é, para Miskolci (2009), uma analítica da normalização sustentada em uma epistemologia do abjeto. Dentro dessa perspectiva, pode-se observar como a regulação da sexualidade é constitutiva de formas distintas de organização social.

---

<sup>7</sup> Cf. FOUCAULT, Michel. O verdadeiro sexo. In: **Ética, sexualidade, política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. P. 82-91.



O sexo é o principal meio de articulação entre indivíduo e sociedade, daí ter sido o foco dos dispositivos reguladores das relações 'raciais', entre classes e com o 'estrangeiro'. Em outras palavras, não há questão sobre nacionalidade que não se confunda com raça e sexualidade. Como bem observou Homi Bhabha, nações se constituem a partir de um sinal de subtração na origem. Acrescentaríamos que o que é 'retirado' de cena não deixa de ser fundamental para criar a comunidade imaginada como um todo homogêneo. O 'subtraído', na verdade, é seu Outro internalizado, necessário, mas mantido como inferior. Privilegiam-se as relações entre pessoas do sexo oposto, da mesma raça, preferencialmente da mesma classe e voltadas para a reprodução (MISKOLCI, 2009, p. 176-7).

É o que também percebemos nas situações narradas nas entrevistas acima. A utilização recorrente do termo "gay" ou "viado" mostra como eles são uma referência importante e necessária para a construção da identidade masculina. São um recurso discursivo que engendra um Outro interno pelo qual a construção de uma identidade estável de gênero deve sempre se orientar: ele precisa estar sempre presente para ser negado.

Isso nos remete ao conceito de complementaridade de Derrida, que Miskolci destaca como uma das principais contribuições do filósofo aos Estudos *Queer*.

A complementaridade mostra que significados são organizados por meio de diferenças em uma dinâmica de presença e ausência, ou seja, o que parece estar fora de um sistema já está dentro dele e o que parece natural é histórico. Na perspectiva de Derrida, a heterossexualidade precisa da homossexualidade para sua própria definição, de forma que um homem homofóbico pode-se definir apenas em oposição àquilo que ele não é: um homem gay (MISKOLCI, 2009, p. 153).

Esse argumento também é aprofundado por Butler, para quem o tabu contra a homossexualidade e o tabu do incesto são os momentos generativos da identidade de gênero, como proibições produtoras de identidades nas grades de inteligibilidade cultural de uma heterossexualidade idealizada e compulsória. Essa produção deixa oculta as descontinuidades do gênero presentes em todas as identidades construídas (heterossexuais, bissexuais, gays, lésbicas, transexuais etc.) nas quais há desencontros entre sexo e gênero e sexualidade/desejo e gênero. Pois, a heterossexualidade necessita da homossexualidade como o outro necessário para a garantia de sua estabilidade e vice-versa.

[...] atos, gestos e desejo produzem o efeito de um núcleo ou substância interna, mas produzem isso na superfície do corpo, através do jogo de ausências significantes, que sugerem, mas nunca revelam, o princípio organizador da identidade como uma causa. Tais atos, gestos, atuações, entendidos em termos gerais, são performativos no sentido de que a essência ou identidade que por outro lado pretendem expressar são fabricações manufaturadas e sustentadas através de signos corpóreos e outros meios

discursivos. Que o corpo gendrado seja performativo sugere que ele não tem status ontológico separado dos vários atos que constituem sua realidade. Isso também sugere que se essa realidade é fabricada como uma essência interna, essa interioridade mesma é um efeito e função de um discurso decididamente social e público, a regulação pública da fantasia pela política de superfície do corpo, o controle de fronteira do gênero que diferencia o interno do externo e, assim, institui a “integridade” do sujeito (BUTLER, 1990, p. 136, tradução livre do original).

Observamos que a convivência das/os *intercambistas* com seus *anfitriões*, colegas e amigas/os em São Luís é tomada num jogo de lutas discursivas através das quais são afirmados e questionados certos ideais normativos de gênero. Assim, não se pode apreender esse jogo como um movimento de vetor único. As falas analisadas nos permitem perceber que os processos sociais normalizadores se atualizam através de embates discursivos constantemente relançados a partir do encontro entre diferenças, remetendo-nos à noção de poder como rede ou teia, tal como Foucault a apresenta em *História de Sexualidade*:

Parece-me que se deve compreender o poder, primeiro, como a multiplicidade de correlações de força imanentes ao domínio onde se exercem e constitutivas de sua organização; o jogo que, através de lutas e afrontamentos incessantes as transforma, reforça, inverte; os apoios que tais correlações de força encontram umas nas outras, formando cadeias ou sistemas ou ao contrário, as defasagens e contradições que as isolam entre si; enfim, as estratégias em que se originam e cujo esboço geral ou cristalização institucional toma corpo nos aparelhos estatais, na formulação da lei, nas hegemonias sociais (FOUCAULT, 1988, p. 102-3).

Dois exemplos interessantes de como a produção social das identidades de gênero se dá através de embates discursivos podem ser encontrados na fala do *intercambista* M. G., que se permitiu, em dois momentos, questionar a lógica de gênero que lhe impunham. Suas perguntas e comentários em resposta à interpelação “Tu és gay” (“Você tem um problema com isso?”, “Qual o problema?” ou “Eu também te amo!”) são enunciados que parecem funcionar como estratégia subversiva questionadora da naturalidade do gênero binário e normal e reveladora do caráter instável e relacional da produção de qualquer identidade de gênero.

Como nos mostra Silva (2000), identidade e diferença são criaturas da linguagem, sendo ativamente produzidas no interior de relações de poder. São, por um lado, fixadas e estabilizadas e, ao mesmo tempo, subvertidas e desestabilizadas. “A fixação é uma tendência e, ao mesmo tempo, uma impossibilidade” (SILVA, 2000, p. 84). Ao tratar dos movimentos para subversão e complicação das identidades, Silva faz o repertório de algumas estratégias de mobilidade nos territórios da identidade. Destaco,

para fins deste trabalho, sem a pretensão de adensar a discussão, o “cruzar fronteiras” que

pode significar simplesmente mover-se livremente entre os territórios simbólicos de diferentes identidades. “Cruzar fronteiras” significa não respeitar os sinais que demarcam – ‘artificialmente’ – os limites entre os territórios das diferentes identidades.

[...]

Se o movimento entre fronteiras coloca em evidência a instabilidade da identidade, é nas próprias linhas de fronteira, nos limiares, nos interstícios, que sua precariedade se torna mais visível. [...] O “cruzamento de fronteiras” e o cultivo propositado de identidades ambíguas é, entretanto, ao mesmo tempo uma poderosa estratégia política de questionamento das operações de fixação da identidade (SILVA, 2000, p. 88-89).

A reação assustada do interlocutor homofóbico de M. G. atesta a desestabilização de sua estratégia. M. G. pode, então, não sem um certo sorriso sarcástico, pensar “Onde está o problema se alguém pensa se você é gay ou não” e dizer “Eu não me importaria”. Se para alguns sujeitos *brincar de chamar alguém de “gay”* não é, de fato, brincadeira, mas uma estratégia discursiva que camufla a homofobia, para outros, *brincar de ser gay* pode ser uma estratégia que franqueia uma certa margem de liberdade nas vivências de gênero, no interior de um regime mais estrito.

O processo social de inteligibilidade do gênero implica a produção simultânea de subjetividades normais e de subjetividades abjetas e desviantes. Quanto à classificação pretensamente chistosa (e talvez um pouco esdrúxula) repetida na escola de O. S. (“normal, viado, louco”), proponho, como *brincadeira*, uma leitura literal. O “viado” separa o “normal” do “louco”, está numa fronteira, num limiar, ao mesmo tempo de sustentação e de exclusão; parece ser o terceiro excluído que garante, ele mesmo, as duas outras alternativas. Se o “normal” é o que se deve ser e o louco o que se é porque não se pode evitá-lo, o “viado” pode muito bem representar o lugar da abjeção. “A abjeção de certos tipos de corpos, sua inaceitabilidade por códigos de inteligibilidade, manifesta-se em políticas e na política, e viver com um tal corpo no mundo é viver nas regiões sombrias da ontologia” (PRINS; MEIJER, 2002, p. 157). Para Butler (PRINS; MEIJER, 2002, p. 161), é muito importante não ontologizar a abjeção, que, ademais, não se restringe a sexo e heteronormatividade, mas diz respeito “a todo tipo de corpos cujas vidas não são consideradas ‘vidas’ e cuja materialidade é tida como ‘não importante’”. A abjeção deve ser entendida como um processo discursivo, histórico e com modificações dos significados veiculados, como a produção na linguagem de

uma figura indistinta, não questionada, como aquilo que fica fora dos binários e que por essa operação mesma de forclusão os sustenta e lhes garante a estabilidade.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente artigo buscou, sem a pretensão de exaurir os temas discutidos, empreender uma reflexão sobre os processos sociais de normalização envolvendo a produção de inteligibilidade e abjeção do gênero, através da descrição de algumas estratégias utilizadas nas interações entre *intercambistas* e seus *anfitriões*, colegas ou amigas/os em São Luís (MA).

Pudemos perceber que esse processo se desenrola no campo discursivo, atravessado que é por disputas de poder. O termo “gay” ou “viado” foi recorrentemente utilizado nas situações descritas como referência para a produção de identidades tidas como normais e subalternas de gênero.

No entanto, vimos que esse processo não ocorre de maneira estanque, mas permite desestabilizações. Finalmente, as situações analisadas nos permitem questionar sobre a utilização dos termos “gay” ou “viado” como símbolos de abjeção, produção de linguagem necessária à sustentação de identidades binárias de gênero consideradas normais.

## Referências Bibliográficas

BUTLER, Judith. **Gender trouble: feminism and the subversion of identity**. New York (EUA): Routledge, 1990.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

\_\_\_\_\_. O verdadeiro sexo. In: *Ética, sexualidade, política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. P. 82-91.

MISKOLCI, Richard. A teoria queer e a sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. In: **Sociologias**. Porto Alegre, UFRGS, ano 11, n. 21, jan./jul. 2009, p. 150-182.

PRINS, Baukje; MEIJER, Irene Costera. Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler. **Revista. Estudos Feministas**. [online]. 2002, vol.10, n.1, pp. 155-167.

RICH, Adrienne. Compulsory Heterosexuality and Lesbian Existence. In: **Signs: Journal of Women in Culture and Society**. Chicago, IL: University of Chicago Press, 1980, n. 5, p. 631-60.

SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org. e trad.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 73-102.

WARNER, Michael. Introduction: Fear of a Queer Planet. In: **Social Text**. Durham, NC: Duke University Press, 1991, n. 29, p. 3-17.